

A NATUREZA BRASILEIRA SEGUNDO FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO E GARRETT

Carlos d'Alge

No *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, de 1826, Garrett dedica o capítulo VI ao estudo da restauração das letras, abrangendo o período que vai do meio do século XVIII até o seu fim. Nesse capítulo insere observações críticas sobre a literatura brasileira que então apenas se esboçava. Reconhecia Garrett que a literatura de língua portuguesa começava a enriquecer-se com as “produções de engenhos brasileiros”, mas esperava que em uma vasta e rica região onde a natureza era tão pródiga, houvesse mais originalidade, imagens e estilos novos. Diz que os escritores brasileiros “recciam de se mostrar americanos”.¹

Analisa, em seguida, os poemas *Caramuru* e *Uraguai* e as lirás de *Marília de Dirceu*.

Do *Caramuru* destaca o episódio de Moema e critica Durão por não ter levado mais longe a inspiração sugerida por tão ricos cenários onde se desenvolve a história. O estilo é também observado pelos *gongorismos* que condena por afetação. O curioso é que do episódio de Moema, Garrett guardou bem o nome, já que o repetiu nos outros escritos “brasileiros”. Com efeito, Moema aparece no romance inacabado *Helena*, na história do índio *Komurahy* e na crônica *O Brasileiro em Lisboa*.

Em contrapartida, o *Uraguai* é elogiado por Garrett que reconhece tratar-se do mais nacionalista dos poemas brasileiros. Basílio da Gama, o cantor da infeliz Lindóia, merece o elogio do crítico:

O *Uruguai* de José Basílio da Gama é moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais muito bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados, não são qualidades comuns. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnífico o acanhasse tanto.¹

Embora Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga não lograssem alcançar a temática nacional, nem seus versos se ocupassem dos cenários da terra americana, nem por isso deixam de receber, de Garrett, uma palavra crítica. O primeiro é visto como um dos melhores poetas de Portugal e julga Garrett que o “Brasil o deve contar seu primeiro poeta”. Não obstante predominarem nos seus sonetos “resquícios de *gongorismo* e afetação *seiscentista*”, Cláudio Manoel da Costa “deixou-nos alguns sonetos excelentes, e rivalizou no gênero de Metastásio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano”. Destaca Garrett, entre as cançonetas, “*Brasil all’ingani tuoi*”, como excelente modelo.

Gonzaga viria, na literatura portuguesa, logo depois de Antonio Dinis, pois “o lugar imediato nos anacreônticos pertence a um brasileiro”. Esse brasileiro, conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, é o autor da *Marília*, a quem Garrett reconhece méritos incontestes, pois encontra no livro versos de “perfeita e incomparável beleza”, embora o censure não pelo que fez, mas pelo que deixou de fazer. Justifica Garrett:

quisera eu que em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou. Oh! e quanto perdeu a poesia nesse fatal erro! Se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virgínia de Saint-Pierre, sentar-se à sombra das primeiras, e enquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a púrpura dos reis, o sabiá termo e melodioso, — que saltasse pelos montes espessos, a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu escurioso, — ela se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porém dos roxos martírios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhara com sua natural graça o ingênuo pincel de Gonzaga!

O capítulo VI do *Bosquejo* tem uma palavra final sobre o malogrado Antonio José da Silva, o Judeu, em quem Garrett vê algum talento, especialmente no *Alecrim* e *Manjerona*. Embora Garrett não registre nenhuma influência brasileira no dramaturgo que, nascido no Rio de Janeiro, foi supliciado em Lisboa em 1739.

O certo é que o *Bosquejo* apresenta uma análise crítica das primeiras obras marcadamente brasileiras, embora em outra análise, aparecida no mesmo ano em que Garrett publica o seu trabalho, de autoria de Ferdinand Denis, o *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, cite esse historiador nomes de autores brasileiros do século XVII, como Bento Teixeira Pinto, Manuel Botelho de Oliveira, João de Brito de Lima, Luís Canelo de Noronha, Salvador de Mesquita, Francisco de Almeida, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Pedro Nolasco Ferreira, Gonçalo Soares de França, e João Mendes da Silva, pai de Antônio José, o Judeu. Denis estende-se através de três capítulos na crítica aos poetas setecentistas brasileiros. O capítulo III é dedicado a “José de Santa Rita Durão, *Caramuru* (Caramourou), poème épique”, o IV a “Basileo da Gama, *l'Uruguay*, poème épique. *Quitubia*. Cardoso. *Tripoli*, poème latin”; e o V a “*Marilia*, chants élégiaques de Gonzaga da Costa (sic) — *Métamorphoses du Brésil* de Diniz da Cruz, Caldas, Alvarenga, poésies de M. B. etc.”

A posição de Ferdinand Denis, a respeito dos autores brasileiros, é bem diversa da de Garrett. Para Denis, o *Uruguai* destaca-se mais pelo estilo do que pela composição original.

Vejamos o *Caramuru* de Fr. José de Santa Rita Durão. Durão nascera na Cata-Preta, arraial de Nossa Senhora de Nazaré de Infeccionado, ao norte da cidade episcopal de Mariana, em Minas Gerais. Sobre os seus primeiros estudos nada se sabe. Varnhagen, que escreveu a biografia do frade mineiro, informa que Durão obteve o grau de Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra.² O poema *Caramuru* é de 1781, doze anos depois do aparecimento do *Uruguai*.

Justifica Durão o seu poema: “Os sucessos do Brasil não mereciam menos um poema que os da Índia. Incitou-me a escrever este o amor da pátria. Sei que a minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não foram de bispos e bispos santos; e, o que mais é, de santos padres, como S. Gregório Nazianzeno, S. Paulino, e outros.”³

Poucos depois do aparecimento desta edição, o Doutor em Teologia falece em Lisboa, sendo enterrado na igreja do hospício do Coleginho, pertencente à Graça. No espólio de Durão foram encontrados muitos sonetos, versos líricos e alguns jocosos que se perderam com a supressão dos conventos.

Testemunha Varnhagen que a maior prova do gênio de Durão foi tornar épic e heróica uma ação e um indivíduo que não o eram. A dicção do poema era clara e elegante, a metrificacão fácil e natural. Dos episódios dignos de menção figuram os preparativos para um sacrifício no canto I; a descriçã de uma aldeia indígena no canto II (estâncias 58 e 68); as descrições da cana-de-açúcar, do tabaco, da mandioca, da sensitiva, do ananás, do coco, e de outras espécies da flora e também da fauna brasileiras.

A fábula sobre o descobrimento da Bahia, no meio do século XVI, por Diogo Álvares Correia, as suas aventuras e amores com Paraguaçu, mais tarde

batizada Catarina, a guerra entre as nações indígenas, e a visita a Catarina de Médicis, constituem a essência deste poema, visto como colonialista, e como uma resposta ao *Uruguai* “cujo pombalismo ilustrado estava mais perto daquilo que no tempo era progresso”.⁴

Embora “epopéia desigual, mas viva e interessante”, segundo Antônio Cândido, no *Caramuru*, vamos encontrar aquilo que Garrett criticara em outros poetas brasileiros, o receio de se mostrarem bem brasileiros. De fato, em nenhum outro poema daquele tempo a natureza brasileira é vista com tamanha fidelidade. É certo que em mais de 40% a ação é a guerra, o que chega a tornar monótona a sua leitura. Mas o realismo das descrições da fauna e da flora são extremamente atuais.

Paraguaçu dorme sob um grão maracujá “Dormindo estava Paraguaçu formosa (...) / buscando a frescura deleitosa / de um grão maracujá”. Esta imagem dará sequência a outros versos, em que o poeta exalta a cana-de-açúcar (“O mais rico e importante vegetal”), o tabaco (“Erva santa dos nossos foi chamada”), a mandioca (“Donde se extrai com arte útil farinha”), o aipim (“Chama o agricultor raiz gostosa”), e ainda legumes, grãos que a terra brasílica produz, como ervilhas, feijão, milho, trigo, quiabo, maxixe, ervas medicinais conhecidas pela “bruta gente e a nossa ignora”, cará, inhame, flores (a do maracujá é celebrada em quatro estâncias) (Canto VII, 37 a 40), e os frutos (ananás, pitombas, bananas, cocos, mangaba, cacau, caju etc.).

De onde proviria o indianismo de Garrett? Para Ofélia Paiva Monteiro, além da leitura dos textos literários do século anterior, comentados no *Bosquejo*, junta-se a influência de outro livro de Ferdinand Denis, aparecido em 1824, em Paris, as *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et José Indio*.⁵ Ao contrário de Bouterwek e Sismondi, bem como de Garrett, que escreveram sobre autores brasileiros sem conhecer o Brasil, Ferdinand Denis, observa Guilhermino César, tradutor do *Résumé*, antes de escrever sobre os poetas brasileiros “veio devassar a terra com seus próprios olhos. Por três anos (1816-1819) percorreu parte do país, demorando-se principalmente na Bahia, onde enriqueceu sua experiência de rapaz. Conviveu com a mocidade baiana. Amou. Sofreu na solidão o desamparo do emigrado. Estudou. Observou. De modo especial, apreciou a natureza exuberante, os costumes estranhos, aprendendo a tolerar a rudeza do clima, o primitivismo e o agreste das coisas.

Para empregarmos a terminologia de Araripe Júnior, foi o primeiro historiador “obnubilado” da literatura brasileira.⁶

Com efeito, as *Scènes de la nature* propunham-se, a partir de dados brasileiros, mostrar os efeitos da natureza sobre a imaginação dos homens dos países quentes, revelando ao europeu o partido poético que poderia retirar de cenas tão mal conhecidas. Denis incluiu no volume observações feitas a algumas tribos indígenas. Os capítulos XVIII e XIX são dedicados aos Machakalis, tribo a que pertencia um certo Koumourahy, fonte da “história brasileira” de Garrett.

O episódio dos Machakalis e a história do índio Koumourahy são considerados precursores do indianismo romântico brasileiro para Léon Mourdon, citado por Guilhermino César na introdução ao *Résumé*. Veja-se a citação tirada da revista *Brasília*, vol. X:

Il n'en demeure pas moins que les Machakalis, achevés 1823, constituent la première oeuvre romantique reposant sur un thème indianiste, et que F. Denis, à qui, le 5 août 1876, hors de son passage à Paris quelque mois avant sa mort. Alencar dédicaçait un exemplaire d'Ubirajara, peut bien être considéré comme un précurseur dans ce domaine.

José Osório de Oliveira, que publicou o fragmento, até então inédito, não atinou com a influência de Ferdinand Denis, na “história brasileira” de Garrett. Julgou que o indianismo do autor provinha da leitura, exclusivamente, do *Caramuru* e do *Uruguai*. À influência de Denis, poderíamos juntar, tendo como data da elaboração do *Komurahy*, o possível ano de 1833, o convívio com os estudantes brasileiros em Paris, notadamente com Porto Alegre, que certamente transmitiram a Garrett detalhes sobre a natureza brasileira. Acrescenta-se também a ideologia de Garrett, contrária ao despotismo, à servidão do índio, aos prejuízos causados pela colonização, e à cobiça imperialista, que ele entrevê, por mais de uma vez, quer no poema *O Brasil Libertado*, quer no artigo *Da Europa e da América*, publicado n’*O Popular*, em que clama contra o feudalismo insaciável da opressão.

Não concluiu Garrett a sua “história brasileira”. O fragmento do *Komurahy* ficou escondido entre seus papéis até ser revelado em 1956. De que trata o *Komurahy* garretiano? A história do *Koumourahy* de Ferdinand Denis tem o entrecho definido. Vejamos. Koumourahy, líder da sua tribo, foi educado na religião cristã pelo chefe português do aldeamento indígena, já falecido. Apaixona-se por Helena, filha do novo capitão português, ambicioso e perverso. Correspondido na sua afeição, o índio consegue obter do capitão a promessa de um futuro casamento, comprometendo-se a buscar ouro em terras selvagens. Consegue através de terríveis aventuras o metal cobiçado. É enganado, porém, pelo astuto capitão, que conduz Helena para local onde Koumourahy não possa vê-la. Durante o percurso, os índios Machakalis, comandados por Kéroé, raptam Helena e a levam até o seu líder. Embora sós, Koumourahy respeita a virgindade de Helena, reconduzindo-a a casa no dia seguinte. Inflexível, o capitão não atende aos rogos de Helena, que pede permissão para casar-se com o seu índio. Koumourahy volta à sua tribo. Para consolo só lhe resta uma carta de Helena. Ofélia Paiva Monteiro ao evocar este episódio junta-lhe o par amoroso de *O Guarani*. Não seria interessante rastrear a influência do episódio no romance de Alencar?

Voltemos ao *Komurahy* garretiano. A história, como foi dito, ficou incompleta. Em outubro de 1833 Garrett retornava a Lisboa, deixando o exílio parisiense. Restabelecido o governo legítimo na capital do reino, terminariam

os ódios e inimizades, nascidos no desterro ou no Porto. Terminariam? Houve uma trégua, contudo, que permitiu a Garrett reorganizar a sua vida. Em paz com os políticos e vendo triunfar a causa da liberdade, não havia por que continuar em Paris. Interrompe as atividades literárias para dar lugar a novas e urgentes tarefas revolucionárias. Já anatematizara demasiadamente o governo, já lutara em prol da liberdade e contra todas as formas de obscurantismo. Não adiantava prosseguir na contestação dos malefícios da colonização. Novas missões lhe estavam reservadas na reforma das instituições. A saga do índio *Komurahy* ficaria para depois. Renasceria, muito mais tarde, em *Helena*, romance que, se terminado, poderia levar adiante o projeto mal esboçado no exílio.

Vejamos o fragmento, como foi publicado por José Osório. São dezesseis páginas manuscritas. Até a página treze temos, propriamente, uma introdução à história, que se inicia a partir dessa página, quando o autor nos apresenta um homem de vestido negro e talar que é o Padre Inácio. Desde as primeiras páginas estabelece-se uma tensão entre o índio e o dominador europeu. Entre a natureza, a que corresponderia a virtude, em oposição à hipocrisia, a que equivaleria a civilização:

Ah! que amarga deve ser a reflexão do índio quando extasiado de contemplação das belezas de seu país a presença do europeu e de suas obras lhe recorda sua escravidão e lhe lembra que hoje é estrangeiro e servo onde foi senhor e natural!

O episódio da infeliz Moema, colhido do *Caramuru*, de Durão, aí é registrado. A história dos povos colonizados é lembrada para efeito didático. O poeta já a havia denunciado em *O Brasil Libertado* e na prosa doutrinária do exílio. A página seis descreve a zona do Recôncavo, cujo cenário recordará dez anos mais tarde em *Helena*. O confinamento nas aldeias dirigidas por chefes portugueses, os maus tratos sofridos pelos índios, de brancos e de negros, são vistos por Garrett como contradição entre as promessas dos europeus e a missão evangelizadora do Cristianismo.

Aquém e além se descobrem essas miseráveis aldeias de índios ditos civilizados, melhor dissera encurralados como o touro da floresta para divertimento bárbaro de um povo feroz, e em verdade mais cruel e verdadeiramente antropófago (.) por assentimento e com perfídia (.) o é. E com efeito perguntará com mágoa o viajante que percorrer por esses países, que hão lucrado esses malfadados índios em desertar das tribos dos seus pais? que vantagens (,) que luzes lhes deram os europeus a troco do feliz em que viviam? Arrebanhados em tristes aldeias, menoscabados por brancos, e até pelos africanos, atormentados por novas precisões que não podem satisfazer nem depois de muitos anos da alcunhada civilização entram na população do Brasil, mas insensi-

velmente se murcham, desaparecem, sem se poder atinar (dizem os opressores) com a verdadeira causa do aniquilamento de um povo inteiro.⁷

A exaltação e a defesa do índio não se fazem em Garrett à maneira de Rousseau. Ao denunciar a injustiça social, exalta, simultaneamente, a causa da liberdade.

Possivelmente Garrett lera os *Essais* de Montaigne, e conhecera as idéias do notável filósofo acerca dos selvagens. Para o mestre francês, errada era a pretensão do europeu em julgar bárbaros os silvícolas. Bárbaros seriam os povos a quem o europeu alterou os processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificou.

Os silvícolas que visitaram a França e tiveram contato com o filósofo conheceram os procedimentos da gente civilizada. O rei entreteve-se com eles. Uma das suas observações, anotada, entre outras, por Montaigne, vale a pena transcrever:

Observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam “metades”); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.⁸

Retornemos à narrativa que, agora, dá lugar a amplas pinceladas em que a natureza é vista soberbamente. Descrevem-se plantações, onde sobressaem as bananeiras, os mamoeiros, as laranjeiras e as pitangueiras. A bananeira é vista como “a mais abençoada árvore que germinou na terra”. A pitangueira será evocada também em *Helena*. Os pássaros, os papagaios e os macacos, completam a cena. Por fim, à página doze, temos a descrição da aldeia. O Padre Inácio surge em seguida. Ele próprio filho de pais indígenas, educado em Salvador, para o sacerdócio, paroquiava agora a Igreja de Itanhaém. Melancólico e triste, mudo e impassível, o Padre Inácio, tirado o tempo que dedicava às suas funções sacerdotais, passava o resto do dia em atividade, recostado à sombra de uma árvore.

Tinha sido criado com europeus e entre eles, todavia estremecia de os ver, e uma espécie de terror e despeito que ligeiramente lhe passava pelo rosto era a única expressão que a perpétua impassibilidade lhe alterava.

A história mal se delinea e chegamos ao final. Que papel estaria reservado ao Padre Inácio, no qual vislumbramos uma força de oposição ao colonizador? Ao contemplar a natureza que o envolve, sentado no adro da sua igreja, ouve

um sussurro que vem do rio. O som das flechas que retinam nas aljavas, tiram-no da abstração. São os seus irmãos que vêm ao povoado. As tribos que se conservam indomadas, que não se sujeitaram à escravidão, e que vêm comandadas por “um mancebo de nobre figura, e altivo parecer” e que “marchava adiante de todos”. Um jovem cujos “olhos chamejantes o...”

Não prosseguiu Garrett, os ventos da liberdade sopravam favoravelmente, urgia voltar a Lisboa e lançar-se a novos empreendimentos.

Notas

1. GARRETT, Almeida. *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*. In: Obras Completas, Porto, Lello & Irmão, 1963, pp.500-504.
2. Biografia de Fr. José de Santa Rita Durão, por F.A. de Varnhagen, extraída do volume 8º da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1847 (2ª edição).
3. Reflexões prévias e argumento por Fr. José de Santa Rita Durão, na edição do *Caramuru*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d.
4. *Movimento e parada*. Estudo de Antônio Cândido, *Na sala de aula*, Caderno de análise literária. Editora Ática, São Paulo, 1985.
5. MONTEIRO, Ofélia Milheiros Caldas Paiva. *A formação de Almeida Garret: experiência e criação*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
6. Guilhermino César transcreve a citação de Léon Bourdon em Nota à tradução do *Résumé*, de Ferdinand Denis. Veja-se a Introdução sob o título *A primeira História Literária do Brasil e o seu autor*, em *Resumo da História do Brasil*. Livraria Lima Ltda., Porto Alegre, 1968, pp. 9/21.
7. GARRETT, Almeida. *Komurahy: história brasileira*. In: *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, 11-2), 1956.
8. MONTAIGNE, Michel de. Dos Canibais. In: *Ensaios*. Trad. de Sérgio Milliet, São Paulo, Abril Cultural, 1972, pp.104-110.